

---

## Inseparáveis contradições: jornalismo literário<sup>1</sup>

Emmanuelle Schiavon Melgarejo<sup>2</sup>

Eduardo Ritter<sup>3</sup>

Universidade Federal de Pelotas

### Resumo

O artigo busca esclarecer as divergências que tornam a literatura e o jornalismo cada vez mais próximos. O estudo isola alguns pontos para melhor entender noção de o porquê em certo ponto eram tão unidos e, após o modelo americano de objetividade, se tornaram tão distantes. O intuito é buscar as formas que mantém viva essa junção, como a crítica literária no jornal, a crônica, e o novo jornalismo.

### Palavras-chave

Jornalismo, literatura, convergência.

### Introdução – literatura e jornalismo: suas questões inacabadas

Uma insistente corrente invisível acaba por manter jornalismo e literatura unidos. Mesmo após as notícias diárias se tornarem livres das metáforas e adendos literários, o jornal não consegue desvencilhar-se da sua parte lírica. Durante a história, a literatura na imprensa brasileira pode ser dividida em cinco partes, de acordo com Costa.

Em resumo, primeiro dá conta dos primórdios da imprensa, especialmente o período que compreende de 1808 a 1830, quando o Brasil publica seus primeiros jornais e livros. Uma segunda etapa, que vai de 1840 a 1910, narra a transição entre o reinado publicista e a república dos homens das letras. O terceiro período discute a era da modernização, entre 1920 e 1950. O quarto sustenta que de 1960 a 1980 houve um *boom*, com o crescimento considerável da ficção feita por jornalistas no Brasil. E o quinto e último período compreende de

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2016.

<sup>2</sup> Jornalista graduada pela Universidade Federal de Pelotas. E-mail: manuschiavon@gmail.com

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor do departamento de Ciências da Comunicação da UFSM. E-mail: rittergaucho@hotmail.com

---

1980 a março de 2004, mostrando o descarte da experiência tradicionalmente fornecida pela imprensa. (COSTA, 2005, p.10)

Entre as idas e vindas, os dois opostos se mantêm. Para o jornalismo, difícil tarefa da tentativa de busca pela realidade, do fato tratado de maneira objetiva; e, para a literatura, a utilização de diversos recursos que tornam o texto mais complexo, buscando uma narrativa que o objetivo nem sempre é a verdade. Compreender uma existência que é tida como observável, comprovável, “palpável”, em um produto digno de credibilidade é a meta do jornalismo, que, na maioria dos casos, utiliza da técnica do lead<sup>4</sup>. A literatura, ao contrário, insere as pessoas em um mundo fictício, em que a fantasia é necessária para que seja possível para acreditar na realidade sem explicação. Nesse ponto jornalismo e literatura se divergem, seguindo vertentes antagônicas da forma de usar linguagem. Se o jornalismo tenta ser o mais objetivo possível, nem sempre vai conseguir chegar nesse extremo; se a literatura busca na ficcionalidade sua matéria prima, de onde vem toda essa realidade?

A história do jornalismo e literatura têm perspectivas que se diferem em muitos pontos. A partir da hegemonia do método americano de fazer jornalismo, – com a objetividade no foco – a literatura foi se esvaindo da notícia cotidiana, sendo que até o jornalismo francês, famoso por sua literatura, aceitou essa nova característica das publicações, porém ainda encontram-se modos de mantê-los unidos. Por mais que se busque essa objetividade e o máximo de distanciamento possível de um jornalista, ainda nos dias atuais a literatura se faz presente.

Mesmo quando o escritor quer ser imparcial e absolutamente objetivo, na simples escolha do tema, das personagens, na deposição das cenas, ele está dando a própria opinião sobre a vida, o mundo, os homens. (VERISSIMO, 2008, p.297)

“O jornalismo, especialmente no Brasil, é um fator bom ou mal para a arte literária?” (COSTA, 2005, p.11). Com essa pergunta, presente no começo do livro “Pena de Aluguel”, chega-se muito perto da confusão que ambas as vertentes fazem ao se misturarem e distanciarem ao longo da história. Tom Wolfe, vanguardista do novo jornalismo, esclarece um pouco sobre essa mistura de jornalismo e literatura, falando que os escritores participavam do jornal visando motivos lucrativos e para “desengordurar” seu estilo, mantendo a veia literária intacta.

---

<sup>4</sup> Técnica da pirâmide invertida, que já no primeiro parágrafo responde as seis perguntas: Quem?, O quê?, Onde?, Quando?, Por quê?, E Como?

Nesse contexto fala-se de países do exterior, já no Brasil a resposta é a adoção do modelo americano de fazer jornalismo. Porém, a literatura sempre esteve presente no cotidiano do jornal, sendo que a gama dos maiores escritores brasileiros, em algum momento, passaram por uma redação. Por volta dos anos 50, uma coletânea de romancistas estavam escrevendo para publicações. Clarice Lispector, que apesar de se distanciar um pouco dessa tarefa, por não escrever notícias, era cronista do Jornal Brasil, assim como Rubens Braga, Carlos Drummond de Andrade, Oswald de Andrade, Monteiro Lobato, e muitos outros que ajudaram a construir a história do jornalismo brasileiro.

Em seu modo de convergência, há setores separados no jornal para recepção de literatura, como folhetins, crônicas, perfis e críticas. E dessas vertentes formadas para o impresso diário, a conexão foi se tornando tão importante que criou-se um outro gênero na própria literatura; o livro-reportagem. E quais as vantagens dessa mistura? A linguagem rebuscada em pequenas quantidades no jornal chamou a atenção de novos leitores para os livros, enquanto a objetividade se tornou presente nesses novos romances feito sobre experiências reais, com o novo jornalismo.

Para o melhor entendimento, esses pontos serão estudados individualmente, para enfim conseguir discernir o que os faz tão distantes e, ao mesmo tempo, inseparáveis. Esclarecer que a vida do jornal não é construída apenas com a notícia, que, como herança francesa, sempre carregará um pouco de literatura presa às suas páginas, e com a influência de jornalistas como Tom Wolfe e escritores como Truman Capote, a literatura também se beneficiará, com o livro-reportagem.

“É possível, que, trabalhando com a mesma matéria prima – a palavra – em algum momento o muro que separa um discurso do outro tenha se tornado apenas uma linha tênue?” (COSTA, 2005, p.12). Jornalismo e literatura tratam de histórias, de maneiras diferentes, mas utilizando a mesma matéria prima: a linguagem.

### **Influência do jornalismo francês com suas tendências literárias**

Em um momento da história em que o Brasil tinha a França como grande influenciadora de suas produções, o jornalismo não foi diferente. O modelo de jornalismo francês era carregado de traços literários, sendo o oposto do utilizado nos dias atuais. O modo e regras que todos os jornais adotaram na modernidade é o famoso

modelo americano – onde a objetividade, munida de lead e sem conversa fiada, reina –, um contraste gritante das origens francesas que se desenvolveram por volta do século XIX e se estabeleceu durante um tempo no Brasil.

Os maiores escritores da literatura universal passaram pela imprensa, não só como jornalistas, mas como cronistas, escritores de folhetins e romancistas. Este período que vai de 1830 ao final do século pode ser qualificado como de Jornalismo Literário e se caracterizou pela presença maciça de escritores nos jornais, que melhoraram a qualidade do texto, produzindo um tipo de informação mais sutil sobre a sociedade. (ARNT, 2004, p.47)

A forma vigente no século XIX era de um jornalismo literário; os floreios, metáforas e enfeites eram colocados em todas as matérias, tornando o texto muitas vezes complexo de mais, quando se queria a informação de forma rápida e limpa. Essa fórmula tornou-se ultrapassado, pois os leitores não tinham tempo para procurar a informação que queriam em textos longos e rebuscados, e a própria redação dos jornais foi limpando de suas páginas de notícia os indícios literários.

Nem tudo foi posto para fora, múltiplas facetas literárias ainda são existentes. Alguns falam do empobrecimento da notícia, já que agora o público quer seu conteúdo mastigado e entregue sem que se precise pensar para entender o fato, e outros creem que o jornal se tornou mais simples e adequado para sua finalidade; disseminação de notícias factuais. Uma manchete já é um pequeno resumo para que o leitor entenda do assunto que se está tratando, e, mesmo que superficialmente, ficar informado. As notícias são produzidas pensando em um público mais preguiçoso, que talvez nem tenha tempo, ou vontade, de chegar até o final da reportagem. Quando a literatura era uma parte vigente do jornal, essas notícias não contavam com a objetividade nua e crua, os jornalistas tinham a liberdade de brincar com as palavras, usando todo arsenal literato que encontrassem, e muitos deles eram escritores, e os que não eram, desejavam ser.

Tinha um grande problema referente linguagem rebuscada que utilizavam; nem todo o público conseguiria ser atingido por determinado evento. Então, com a reclusão literária em apenas alguns pontos do jornal, o público de massa foi inserido, também, no processo, incentivando a leitura de forma mais ampla.

Quando o modelo americano começou a incrustar suas maneiras objetivas e impessoais, muito do conteúdo lírico se perdeu. No entanto, mesmo com todo o esforço para a impessoalidade, não é possível tirar o jornalista da sua matéria, por mais distante que ele esteja. É uma utopia pensar ser possível um fato puro ir parar na publicação,

pois há diferença entre o que foi visto e o que foi contado, por mais fontes e perspectivas diferentes que se procure.

Se existe uma herança que nunca poderão se desfazer do modelo francês, foi à percepção que se pode ter no jornalismo do debate cultural. Ainda mais hoje, com o advento da internet, o fazer jornalístico, muitas vezes trata desse contraste cultural.

O editor do jornal francês *La Presse*, Emile Girardin, sentiu a necessidade que os novos leitores, recém-alfabetizados na Europa, tinham de consumir um pouco de cultura, assim acrescentando a redação escritores, literatos prontos para divergir do jornalismo factual. Nesse ponto o mundo todo se rendeu aos escritores também, acrescentando pequenas doses de textos literários as publicações. Os jornais franceses, inclusive, chegavam a publicar seis folhetins por vez.

Emile foi o primeiro que compreendeu a necessidade de cultura do mercado, e convida escritores para trabalharem em seu jornal. O fenômeno se expande por toda Europa, e chega também ao Brasil. Os folhetins eram traduzidos e reproduzidos pela imprensa de todo o mundo, num fenômeno de massificação cultural global. O Brasil não ficou fora deste movimento, publicando as obras francesas; tanto que Machado de Assis afirmou que escrever folhetins e continuar brasileiro era difícil. (ARNT, 2004, p.47)

O que aconteceu, foi uma onda gigantesca de escritores publicando crônicas, folhetins e afins, tornando essas vertentes ainda mais misturadas, jornalismo e literatura eram indissociáveis no século XIX. O folhetim foi o começo do que se tornou tão popular, que precisou de mais espaço. Quando não cabia mais a linguagem literária no jornal, foi ele que manteve o contado desses dois extremos, uma influência direta do jornalismo francês que foi apropriado e modificado pelo brasileiro, se tornando uma característica tão associada aos escritores brasileiros, que pode evoluir no âmbito nacional.

### **Folhetins e crônicas: forma de chamar leitores para o jornal e inserir novas pessoas ao meio literário**

Com toda a influência francesa, o folhetim se tornou um adendo de suma importância para o jornal, buscando pessoas que não tinham contato com a literatura, para mais perto desse meio. A crônica do dia a dia, escrita por muitos dos grandes escritores brasileiros, se tornou famosa nas palavras de Rubens Braga, e apesar do

empobrecimento que essa vertente vem sofrendo na contemporaneidade, ainda há muito dela no jornal.

O animal (o folhetim) teria vida relativamente longa. Só em meados do século XX, com a radical expulsão da literatura das páginas dos jornais, ele se tornaria uma espécie em extinção. Embora várias tentativas de reavivar o gênero tenham sido feitas posteriormente, coube a Nelson Rodrigues o título de último folhetinista brasileiro. (COSTA, 2005, p.241)

A relação de muitos anos do folhetim, que foi febre francesa, estava se esvaindo, deixando o público carente por sua pequena cota literária no meio jornalístico. Muitas das histórias de escritores foram formadas a partir do aprendizado adquiridos nos trabalhos de folhetinistas e cronistas. No entanto, a crônica tem passado a ser cada vez mais presente na vida do brasileiro. Antônio Candido diz que a crônica é um gênero menor, algo que lida com a vida em sua essência, e talvez, por isso possa ser utilizada apenas como papel para enrolar sapatos no dia seguinte. Um escritor que queira se tornar conhecido, que tenha pretensões de ter sua obra presa nas memórias da humanidade, provavelmente, não vai se doar exclusivamente a esse processo. O autor ainda mostra seu ponto de vista:

No Brasil ela tem uma boa história, e até se poderia dizer sob vários aspectos é um gênero brasileiro, pela naturalidade com que aclimatou aqui e a originalidade com que aqui se desenvolveu. Antes de ser crônica propriamente dita foi folhetim, ou seja, um artigo de rodapé sobre as questões do dia – políticas, sociais, artísticas, literárias. (CANDIDO, 2004, p.28)

A crônica não tem a pretensão de durar, é filha do jornal da era das máquinas, onde tudo é muito rápido, e quase nada deixa de ser efêmero. No Brasil, se tornou um gênero desenvolvido e “natural” na mão de escritores que passaram pelas páginas dos jornais impressos, como Machado de Assis, Carlos Drummond de Andrade, e do “cronista puro” Rubens Braga. Ela ganha o prêmio por ser despreziosa, chega perto da humanidade, já que sua matéria-prima é a própria vida.

A crônica é um gênero de *borderline*, oscilando entre a imaginação e a realidade, o jornalismo e a literatura, língua culta e coloquial. Originalmente, crônica era a narrativa dos fatos de acordo com a ordem temporal, registrando os eventos que marcaram época. O sentido da palavra era pôr ordem cronológica. (COSTA, 2005, p.246)

Essa característica passageira dela foi o que a tornou tão receptiva. Tinha aquele pequeno conto de ficção que em muito se mesclava com a realidade, partia de um acordo mudo de que manteria as raízes literárias presas no jornal. Aos que cobravam um romance de Rubens Braga, ele lembrava ser jornalista. A crônica não exige

necessariamente um enredo, foi feita para a falta de assunto, já que ela deve ser escrita diariamente, tendo ou não no que se basear. São tão efêmeras quanto a notícia de hoje, não que realmente sejam esquecidas, pois muitas continuam para que novas pessoas consigam ver também suas qualidades de outrora.

Na maturidade, a crônica mostrou-se um espaço ideal para aqueles que não queriam mais se prender ao jornalismo diário e factual, a horários e humores das chefias. E mesmo assim tiravam partido da projeção de seu trabalho para o grande público e até do salário no fim do mês. (COSTA, 2005, p.255)

A própria vida, é disso que a crônica se alimenta, faz de questões ocasionais sua matéria bruta mais preciosa, se apropria da linguagem simples, naturalidade, sem dar lugar para a sintaxe rebuscada, ou vocabulário opulento. Ao longo de seu percurso foi se isentando cada vez mais da tarefa de informar ou comentar, e destinou-se a divertir. Largou a crítica política para concentrar-se na poesia. Claro que ainda hoje vê-se muitas crônicas com ascendências políticas, mas o seu intuito fundamental é promover o divertimento.

### **Crítica literária no jornal como meio de resposta aos autores**

Os críticos e estudiosos tomam a crítica como outro tipo de literatura. Não é apenas um comentário sobre determinada obra, é mais que isso, é uma ciência sobre o fazer literato, é literatura em sua síntese. “No fim das contas, o crítico é quem ouve tudo o que a obra tem a dizer e se encarrega de que ela diga a um grande auditório” (IMBERT, 1986, p.214).

Em suma, a crítica literária é um meio de enviar o leitor ao caminho mais fácil, sendo que o autor necessita de alguém que possa reproduzir o que aquele pensamento corresponde, pois nenhum escritor pode ser dono de alguma ideia se ninguém a ler, e o crítico é o intermédio entre a história contada e a entendida. Nesse quesito literário do jornal atribuem-se características de valor a uma obra, avaliando-a para um mercado pensante de possíveis leitores. Há extremos, como em todos os casos: existem os que só leem *Best-sellers*<sup>5</sup>, e outros que só consumem o conteúdo *cult*<sup>6</sup>. “É difícil saber quando um esquerdista ilustrado compra um livro por interesse próprio ou porque a Companhia das Letras publicou ou a Folha de São Paulo comentou” (SILVA, 2000, p.26).

<sup>5</sup> Livros considerados populares que têm alcançam grandes vendas no mercado.

<sup>6</sup> Conteúdo cultural intelectualizado.

“A osmose entre a literatura e o que não é literatura é incessante” (IMBERT, 1996, p.18). Esse fragmento transporta um pouco da essência da mescla entre o jornalismo e literatura. A crítica sendo uma vertente constantemente direcionada para o jornal, e as mais aprofundadas para revistas especializadas, dá um ponte de partida para a literatura passar a ser mais que bela, passando a ser também informativa. Cumpre o papel de desanuviadora, mostra ao público um espetáculo que, talvez, ele não conseguisse enxergar com seus próprios olhos.

Nessa linha de pensamento, a literatura pode ser estudada por diversas vertentes, que em muito se diferem, como a pedagogia, a história, a linguística e mais, porém a crítica é aquela que encontra e busca pelo eu estético de determinado produto, acrescentando uma pergunta: qual o valor de determinada obra? Coloca-se um juízo de valor que não entra em consideração quando é analisado por outros meios, e, de algum modo, é no jornal que se encontra esse trejeito da crítica, esse fazer também literário.

Como julgar um livro? Colocá-lo a mercê da opinião de alguém? Os críticos têm suas teorias; um livro deve ser pura e simplesmente visto por ele, esquecendo o autor que fica atrás das palavras publicadas. No entanto, um autor pode muito bem entender a crítica na perspectiva de quem a escreveu, porque a crítica deixa transpassar um gosto, uma virtude, uma vontade de que fosse assim, ou talvez não fosse. “Quando um autor exalta a obra de um poeta, atribui-se-lhe uma ambição pouco nobre: a de identificar-se com o poeta e apoderar-se, assim, da sua obra” (IMBERT, 1986, p.231).

Nas palavras de Alfredo Bosi, os críticos também são profetas. Isso nada mais é, do que esclarecer a subjetividade de sua escolha, que ainda assim continua perdida nesse universo. Um crítico escolhe um livro porque acha que o público irá gostar, e sempre tem em mente quem está tentado alcançar, se são consumidores de massa, que buscam a rapidez das telas de cinema nas páginas de um romance, os se são os que se consideram cultos, que procuram essa hipermimética.

A tarefa pode ser fácil de entender: um livro vem com as páginas coladas, melhor dizendo, muitas vezes seu conteúdo vem escondido entre as linhas, e o papel do crítico é descolá-las para quem for as ler em seguida. Isso possibilita que cada vez mais pessoas participem dessa quota de sonho e emoção que é tradicional dos livros. Cada pessoa, assim, saberia como chegar o mais próximo do que gosta.

## **Céu dos loucos: novo jornalismo**

Como muitas das veias jornalísticas, essa nasceu e se expandiu nos Estados Unidos. Marcelo Bulhões fala que essa nova maneira cresceu nas mãos dos garotos Tom Wolfe, Gay Talese, Jimmy Breslin e alguns outros. Quando o novo jornalismo nasce, o jornal impresso em si está em ritmo de decadência, não que ele iria se extinguir, mas estava empobrecido.

Tom Wolfe esclarece que muito se foi dito contra os que escreviam essas reportagens malucas, com mudança de narrador, nada ortodoxas e subjetivas, com, a pontuação exagerada, que já chama a atenção do leitor para suas palavras. Conhecido como Balzac da Avenida Park, ele incorporou jeitos muito literários para o jornalismo americano, que tentava tratar o mais objetivamente suas páginas, e esse novo modo chegou em um momento que o jornalismo precisava dessa força. Quando apareceu, por volta da década de 60, o fazer jornalístico era tido como pobre, e os senhores das letras, romancistas, eram o que qualquer escritor, ou jornalista, pretendia ser.

Havia aquela outra turma de repórteres... Esses tendiam a ser conhecidos como “escritores de reportagens especiais”. O que todos tinham em comum era que consideravam o jornal um motel onde você se hospeda para passar a noite a caminho do trinfo final. A ideia era conseguir emprego num jornal, conservar inteiros o corpo e a alma, pagar o aluguel, conhecer “o mundo”, acumular “experiência”, e talvez eliminar um pouco a gordura do seu estilo – depois, em algum momento, demitir-se pura e simplesmente, dizer adeus ao jornalismo, mudar-se para uma cabana em algum lugar, trabalhar dia e noite durante seis meses, e iluminar o céu com o triunfo final (referência a Portis). O triunfo final era conhecido como O Romance. (WOLFE, 2005, p.13)

Quando Truman Capote surgiu com “A sangue frio” ele não denominava seu trabalho de jornalismo, e sim de literatura de não-ficção. Isso tudo porque o jornalismo não era tido como uma forma culta e bem-vinda. No entanto, com a publicação de fragmentos do livro no *The New Yorker*, e, após, o lançamento da obra na íntegra, originou-se um estrondo gigantesco para o jornalismo e a literatura. Todos queriam saber da história, e isso deu força ao movimento. Algo que começou com uma curiosa ideia, tornou-se quente o bastante para mudar a história do jornalismo.

Tenho certeza de que muitos faziam experiências com artigos para as revistas, como Talese, começaram a sentir a mesma coisa. Eles estavam indo além dos limites convencionais do jornalismo, mas não apenas em termos de técnica. O tipo de reportagem que faziam parecia muito mais ambicioso também para eles. Era mais intenso, mais detalhado e sem dúvida mais exigente em termos de tempo do que

qualquer coisa que repórteres de jornais ou revistas, inclusive repórteres investigativos, estavam acostumados a fazer. Eles tinham desenvolvido o hábito de passar dias, às vezes semanas com as pessoas sobre as quais escreviam. Tinham de reunir todo material que o jornalista convencional procura – e ir além. Para estarem ali quando ocorressem cenas dramáticas, para captar o diálogo, os gestos, as expressões faciais, os detalhes do ambiente. A ideia era dar a descrição objetiva completa, mais alguma coisa que os leitores sempre tiveram de procurar em romances e contos: especificamente, a vida subjetiva ou emocional dos personagens. (WOLFE, 2005, p.37 e 38)

Na citação, Tom Wolfe descreve algumas das pretensões que esses jornalistas tinham, por mais que, algumas vezes, nem eles mesmos soubessem o que estavam fazendo. O Novo Jornalismo surgiu como forma de acrescentar ao diário algo que os leitores não conseguiam encontrar. Ironicamente, quando essa vertente surgiu, foram taxados de “impressionistas”, mas o que havia, em realidade, era uma busca pelo fato tão grande, que nunca nenhum jornalista tinha chegado tão longe.

Foi-se acrescentando a linguagem simplista e as matérias puramente informativas, sem nenhum adendo, a escrita literária, que não pensava no lead e na objetividade, era uma descoberta; o jornalismo poderia ser lido como romance. Como Wolfe fala, muito surgiu como uma forma de homenagem aos romancistas, que todos almejavam poder ser. Assim eles nem pensaram que um dia poderiam roubar o lugar do tão prestigiado romance. Breslin chegou à conclusão de que o colunista poderia sair de dentro da redação e se aventurar nas ruas, e o jornalista tinha de ter o talento de escrever diariamente com competência. Não era mais o essencial apresentado, era algo que estava acontecendo por volta de 1965, uma espécie de excitação artística no jornalismo, o novo jornalismo.

Tudo o que eu queria dizer é que o Novo Jornalismo não pode mais ser ignorado no sentido artístico. O resto eu retiro... Que se dane... Que reine o caos, aumentem a música, mais vinho... Que se danem as posições... O degrau de cima é de quem pegar primeiro. Todas as velhas tradições estão exauridas, e nenhuma nova foi estabelecida. As apostas estão suspensas! As vantagens canceladas! O jogo não é de ninguém!... Os cavalos estão todos dopados!... A pista é de vidro!... E de um caos assim glorioso poderá surgir, da mais inesperada fonte, da mais inesperada forma alguma bela, nova e gorda Explosão de Estrelas de Fogos de Artifício que incendiará o céu. (WOLFE, 2005, p.60)

Tom Wolfe celebra o novo jornalismo como algo que revolucionou as páginas do jornal impresso. Nem toda a reportagem poderia ser redigida nessas novas regras,

mas algumas boas histórias poderiam ir além, trazendo ao leitor uma forma diferente de consumir a notícia.

### **Jornalismo se expandindo: livro-reportagem**

Essa expansão da grande reportagem, transportada para os livros, cresce cada vez mais no Brasil, basta entrar em uma livraria para perceber que estão tomando lugares em destaque e em maior quantidade nas prateleiras. O modelo de reportagem investigativa tomou as ruas e esta crescendo ainda mais, mas Edvaldo Pereira Lima fala que ainda tem muito mais a se crescer.

O livro-reportagem é um veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagem em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos. Esse “grau de amplitude superior” pode ser entendido no sentido de maior ênfase de tratamento do tema focalizado – quando comparado ao jornal, à revista ou aos meios eletrônicos -, quer no aspecto extensivo, de horizontalização do relato, quer no aspecto intensivo, de aprofundamento, seja quanto a combinação desses dois fatores. (LIMA, 2004, p.26)

Essa veia extrapola a função básica do jornalismo. A notícia efêmera do dia a dia torna-se atemporal quando no mundo da literatura. A veracidade dos fatos ainda é importante, no entanto, nem todos os pontos podem ser dito verdadeiros. O propósito do novo jornalismo é conseguir encontrar uma notícia digna de aprofundamento em temas complexos, trazendo detalhes à tona. E, dessa forma paradoxal, o encantamento foi tanto que nasceu um gênero na própria literatura para as reportagens jornalísticas.

Baseado em uma pequena nota que o chamou a atenção em um jornal, Truman Capote escreveu “A sangue Frio” e, posteriormente, não teve vergonha de dizer: “...mas a verdade é que eu escrevi uma obra prima”. A obra chamou a atenção de público e mídia, inovou o jornalismo, coisa que era inédita. O livro-reportagem se torna tão real, e tão influente quanto todos os outros gêneros literários já existentes. Tão bom quanto contraditório, Capote foi taxado de mentiroso, acusado de narrar fatos que não condiziam com a realidade, que ele havia inventado a história.

Depois de tomar um copo de leite e pôr um chapéu forrado de feltro, o Sr. Clutter saiu com uma maçã na mão para examinar a manhã. O tempo estava ideal para o consumo das maçãs ao ar livre; a luz muito branca ao sol descia do céu muito claro, e um vento leste fazia farfalhar, sem desprender dos galhos, as últimas folhas dos olmos chineses. (CAPOTE, 2011, p.30)

Com esse livro, o novo jornalismo se tornou o que as pessoas buscavam. Truman não estava preso às amarras do jornalismo, que propunha que tudo tinha de ser real. Ele tinha como adendo sua própria imaginação para preencher os vazios da história que nunca poderia descobrir, no entanto seu trabalho como repórter não pode ser descartado. O autor passou anos investigando a história; conviveu e foi, em muitas ocasiões, o confidente dos assassinos. Esteve presente, inclusive, na execução de um deles, Dick Hickcock, – como passou mal não esteve na do Perry Smith. Teve um trabalho incansável, que apenas um excelente repórter faria. Nem todo o fato é verdadeiro, mas foi à matéria bruta, lapidada pelas mãos experientes da literatura, que transformou a obra no início de uma nova vertente dentro do jornalismo e da literatura. Com esse passo importante, os romances de não-ficção enchem as bancas das livrarias, e cada vez mais as pessoas começaram a buscar por essa forma nova e fresca, que só a combinação de um bom jornalista com escritor poderia construir.

“Capote queria escrever uma longa narrativa apoiada na prática jornalística, uma narrativa sem formulação imaginativa, um romance jornalístico, si é que isso faz sentido” (BULHÕES, 2006, p.148 e 149). Esse trecho conta que nada de novo acontecia, no meio artístico em geral, e quando um livro jornalístico foi lançado às garras do mundo, o sentimento de euforia se dissolveu para alcançar todos os espaços de cultura, era algo realmente novo e bom.

Como um exemplo brasileiro, temos os livros do jornalista Caco Barcellos. “Rota 66”, uma de suas publicações, marca a denúncia do abuso da polícia brasileira, contando casos que eram encobertos pela polícia. Esse foi um trabalho de anos pesquisando jornais velhos e fichas policiais para chegar à conclusão final do livro, para depois preencher as páginas não apenas com fatos soltos, mas com histórias mais aprofundadas do que se veria em qualquer jornal. É importante ressaltar a diferença entre os dois autores: enquanto livros como o do Capote se aprofundam em uma veia literária, a publicação de Caco relata várias situações em que foram cometidas injustiças e abusos por parte da política.

As declarações do vigilante da mansão vizinha ajudam a demonstrar a falsidade do depoimento. O guarda-noturno Joaquim Quirino Pires revelou aos investigadores da sindicância da Justiça o diálogo que manteve com Pimentel ao amanhecer de quarta-feira, três horas depois do assassinato. (BARCELLO, 2012, p.107)

Muito mais com cara de reportagem do que o livro do Capote, Caco Barcellos cria seu livro-reportagem embasando em uma séria de injustiças policiais, que em nada perde para o outro modelo. A história pode ser ditada em um tom mais objetivo, mas o quanto disso seria possível, se o autor inclusive se insere como personagem alguns dos capítulos?

Marcelo Bulhões (2007) simplifica essa característica presente nas obras de Barcellos e Capote em apenas uma frase: é jornalismo para livros.

### **Tudo junto e misturado: considerações finais**

Enquanto a literatura tem a liberdade atemporal a seu favor, mesmo sendo portadora de traços da sua época, o jornalismo se contenta com o efêmero, sendo somente válido quando se encaixa no tempo em que está sendo escrito. Porém, com a mistura literária no âmbito que deveria ser objetivo, como crônicas, livros, folhetins, essas vertentes se tornam eternas e sempre poderão ser lidas, seja qual momento da história for. Esse é um quesito importante: no momento que o jornalismo abriga a literatura em suas próprias palavras, distanciando-se da notícia corriqueira do dia a dia, ele passa a ser menos peregrino, a ter um vínculo com o leitor, que é mais do que apenas informar, é utilizar de outras técnicas para engrandecer seus textos.

Escritores como João Antônio e Graciliano Ramos falavam que só se poderia escrever um bom texto se conhecesse bem a realidade ao seu redor. Nesse momento, pode-se pensar que em todo bom escritor vive um jornalista, porém aquele tem a liberdade de criar seu mundo com suas próprias regras. Uma diferença é importante, se pensar no duelo jornal versus literatura. A última traz consigo uma linguagem que adquire vida própria, torna-se viva, portadora de linhas expressivas, o centro das atenções; já a primeira apropria-se da linguagem como meio, a forma necessária para transmitir uma informação, sendo esta a protagonista. Essa dualidade pode ser vista apenas como diferença de papel, pois no momento em que essas duas vertentes se misturam, apropriando-se de trejeitos que não eram seus, a diferença e as semelhanças estão tão misturadas que parecem, algumas vezes, nem existir.

O jornal pode deixar de ser tão simplista, adquirindo traços literários quando julga necessário, e a literatura sempre será um adendo para as pessoas, como Juremir Machado assinala: “Que deslumbre importa isso se o consumidor deslumbrado sente-se

alçado ao Olimpo intelectual pela leitura do seu jornal favorito?” (SILVA apud MACHADO, 2000, p.69).

Esse caleidoscópio de cores, sabores, cheiros diferentes, fazem da convergência entre jornalismo e literatura um material essencial para a contemporaneidade. Juntos estão nessa briga de valores desde suas ascensões, e talvez, ainda nem notaram que não sobrevivem sozinhos. O jornal e o livro se mesclaram; há escritores trabalhando como jornalistas e jornalistas como escritores, e pode-se concordar que isso seja uma bagunça, mas é bem mais que isso. Esse antagonismo serve de completude para que as formas se tornem mais completas. Não faltará espaço pra nenhum, e sempre se tirará proveito da junção.

### Referências bibliográficas

ARNT, Hérís (2004). **Jornalismo e ficção: as narrativas do cotidiano**, disponível em: [http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed\\_03/contemporanea\\_n03\\_05\\_arnt.pdf](http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_03/contemporanea_n03_05_arnt.pdf)

BARCELLOS, Caco. **Rota 66, a História da Polícia que Mata**. Rio de Janeiro: Editora Record, 13ª edição 2012.

BARRETO, Ivana (2002). **As realidades do jornalismo cultural no Brasil**, disponível em: [http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed\\_07/08IvanaBarreto.pdf](http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_07/08IvanaBarreto.pdf)

BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência**. São Paulo: Editora Schwarcz LTDA, 2002.

BULHÔES, Marcelo. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Editora Ática, 2007.

CANDIDO, Antonio. **Recortes**. São Paulo: Ouro sobre Azul, 3ª edição, 2004.

CAPOTE, Truman. **A sangue frio**. São Paulo: Companhia das Letras, 8ª edição 2011.

COSTA, Cristiane. **Pena de Aluguel**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

IMBERT, Enrique Anderson. **A crítica literária: seus métodos e problemas**. Coimbra: Livraria Almedina Coimbra, 1986.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**. Barueri: Editora Manole, 3ª edição, 2004.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

SILVA, Juremir Machado da. **A miséria do jornalismo brasileiro: as (in)certezas da mídia**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

WOLFE, Tom. **Radical chique e o novo jornalismo**. São Paulo: Editora Schwarcz LTDA, 2005.

VERISSIMO, Erico. **O resto é silêncio**. São Paulo: Companhia das letras, 2008.